

E. M. de Melo e Castro

Poemas-in-visíveis

A	númeropoema
B	sexopoema
C	esqueletoema
D	geopoema
E	fimde semanopoema
F	termopoema
G	luminopoema
H	fonopoema
I	quasinfinitopoema
J	rodopoema

se nada disto lhe diz nada então nada os poemas-in-visíveis são PARA ver in (dentro) PARA inver. PARA não ver PARA agir dispõe o utente de interruptores para agir dicotomicamente sim-não em diversas combinações liga desliga etc. etc. pode utilizar os poemas conforme desejar rodas PARA movimentar peças PARA transformar em signos PARA construir poemas PARA ir-à-noite-PARA-a-cama-dormir-desassossegado PARA viajar PARA também ser nosso PARA ir PARA a praia PARA se aquecer PARA vir da praia PARA ouvir música tão bela notícias-sempre-últimas PARA estar tudo a aumentar PARA discutir eruditamente aos sábados PARA não me importar nada PARA fazer contas PARA iluminar fazer frio PARA recordar PARA apagar PARA ir quase até ao infinito PARA ficar triste PARA queimar à lareira PARA não ligar bóia PARALELÍPEDO etc.

se a vanguarda é necessária na desmitificação das estratificações sociológicas anquilosadas (quaisquer que elas sejam) a poesia experimental é já a maturidade do CAOS como rigor da invenção — vide princípio da entropia: medida da desorganização de um sistema. o grau

de entropia do universo está em constante aumento. o trabalho criador do artista experimental é precisamente criar estruturas atomizadas de grande entropia pois quanto maior for a entropia dessas estruturas maior será e mais vasta será a informação possível — baseada no cálculo das probabilidades. O utente do poema que se aperceba das informações de que for capaz. por isso e para isso aqui se experimentam os objectos e as pessoas em actos vulgares muito simples deliberadamente fora do seu contexto organizado quotidiano — redescobrimo o caos com as nossas mãos — experimentando.

Galeria Divulgação — Lisboa, Janeiro 1965